

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

GUILHERME ENGELMAN BORTOLETTO

LGBTQIA+: identidade e alteridade na comunidade

**São Paulo
2019**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

LGBTQIA+: identidade e alteridade na comunidade

Guilherme Engelman Bortoletto

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Especialista em
Gestão de Produção Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Nascimento

São Paulo
2019

LGBTQIA+: identidade e alteridade na comunidade

Guilherme Engelman Bortoletto

Resumo: Esse artigo propõe uma reflexão a respeito da identidade da comunidade LGBTQIA+, apresentando uma análise de como a alteridade criada especialmente pela força midiática influencia o que entendemos como comunidade LGBTQIA+. Sob essa perspectiva serão abordadas as questões do individual e do coletivo, dentro de uma análise teórica e de dados. Assim, poderemos entender aquilo a que se propõem os movimentos sociais e seu diálogo com o mercado. Contou-se com uma amostra de 50 indivíduos membros da comunidade LGBTQIA+ para a realização de uma pesquisa qualitativa de caráter investigatório a fim de se compreender melhor a identidade interna da própria comunidade tal como a visão da alteridade proposta pela mídia. O suporte teórico teve por base os estudos e obras de Simões e Facchini (2009), Brah (2006), Butler (2003), Foucault (2005), Kellner (2001), entre outros autores. O estudo embasado pela pesquisa mostrou que o ponto mais forte da identidade da comunidade LGBTQIA+ é a luta contínua contra o preconceito sofrido por essas pessoas, aspecto não fundamental na exposição desses indivíduos pela mídia.

Palavras-chave: LGBTQIA+. Comunidade. Homofobia. Identidade. Alteridade.

Abstract: This article proposes a reflection on the identity of the LGBTQIA+ community, presenting an analysis of how the alterity created especially by the media force influences what we understand as LGBTQIA+ community. From this perspective, the questions of the individual and the collective will be addressed, within a theoretical and data analysis. Thus, we can understand what social movements are proposing, and their dialogue with the market. A sample of 50 individuals members of the LGBTQIA+ community was interviewed to carry out qualitative investigative research in order to better understand the internal identity of the community as well as the vision of the alterity proposed by the media. The theoretical support was based on the studies and works of Simões and Facchini (2009), Brah (2006), Butler (2003), Foucault (2005), Kellner (2001) and other authors. The research-based study showed that the strongest point in LGBTQIA+ community identity is the ongoing struggle against prejudice by these people, a non-fundamental aspect of the media exposure of these individuals.

Key words: LGBTQIA+. Community. Homophobia. Identity. Otherness.

Resumen: Este artículo propone una reflexión acerca de la identidad de la comunidad LGBTQIA+, presentando un análisis de cómo la alteridad creada especialmente por la fuerza mediática influye en lo que entendemos como comunidad LGBTQIA+. Bajo esta perspectiva se abordarán las cuestiones del individual y del colectivo, dentro de un análisis teórico y de datos. Así, podremos entender lo que se propone los movimientos sociales y su diálogo concreto con el mercado. Se contó con una muestra de 50 individuos miembros de la comunidad LGBTQIA+ para la realización de una investigación cualitativa de carácter investigatorio a fin de comprender mejor la identidad interna de la propia comunidad tal como la visión de la alteridad propuesta

por los medios. El apoyo teórico se basó en los estudios y obras de Simões y Facchini (2009), Brah (2006), Butler (2003), Foucault (2005), Kellner (2001), entre otros autores. El estudio basado en la investigación mostró que el punto más fuerte de la identidad de la comunidad LGBTQIA+ es la lucha continua contra el prejuicio sufrido por esas personas, aspecto no fundamental en la exposición de esos individuos por los medios.

Palabras clave: LGTBQIA+. Comunidad. La homofobia. Identidad. Otridad.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo procura trazer a trajetória percorrida pela comunidade LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, *queers*¹, intersex, agêneros, assexuados e mais) em sua história, desde o seu crescimento no final dos anos 1970 até seus desdobramentos no século XXI. Buscamos compreender como a identidade se construiu a partir desse caminho contínuo de vivências e experiências sociais, políticas e psicológicas de indivíduos que dessa comunidade fazem parte. Aqui se busca também estabelecer as diferenças entre suas siglas e suas representações, dando particularidade para cada identidade que essas siglas representam e da comunidade fazem parte, ressaltando suas singularidades e individualidades. Uma vez estabelecidos os pontos que apresentam a comunidade e seus princípios comuns e individuais, se propõe entender como uma alteridade criada e propagada pela concepção de que aquele que não segue o padrão normativo, as homossexualidades² se vêm forçadamente contrárias à heterossexualidade, gerando conflito e incompreensão de sua natureza.

A partir dos dois polos constatados, a identidade com a qual a comunidade se ergueu e a alteridade adotada pelos outros indivíduos que dela não fazem parte, sustentada pela mídia, constrói-se certo dualismo na comunidade LGBTQIA+, onde sua identidade segue buscando se sobrepôr à alteridade criada e sustentada pelo poder midiático através da militância do movimento LGBTQIA+. Se essa sobreposição traz consigo somente pontos positivos ou se a alteridade usada pela mídia é um desserviço em qualquer instância é algo que a este escrito cabe desvendar. Através de uma pesquisa virtual e qualitativa realizada numa amostra de 50 pessoas pertencentes à comunidade LGBTQIA+, pontos específicos do que se entende como a identidade dessa comunidade foram trabalhados e deram, dessa forma, embasamento real graças a essas vivências pessoais ao que se propõe analisar e concluir esse texto.

¹ Queer (em português, 'excêntrico', 'insólito') é um termo "guarda-chuva" proveniente do inglês usada para designar pessoas que não seguem o modelo de heterossexualidade ou do binarismo de gênero.

² Termo utilizado na obra de Júlio Simões e Regina Facchini, "Na trilha do arco-íris", usado para se referir a toda e qualquer sexualidade ou identidade de gênero que compõe a comunidade LGBTQIA+.

2. A COMUNIDADE LGBTQIA+ E SUA IDENTIDADE

É reconhecido que as sexualidades que não seguem o padrão binário homem e mulher, macho e fêmea, aqui citadas especialmente como homossexualidades, nunca foram e continuam não sendo plenamente aceitas e tratadas com naturalidade. Como mencionado por Butler (2003a, p. 41), “a regulação binária da sexualidade suprime a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual, reprodutiva e médico-jurídica”. A homofobia tem consequências sociais, psicológicas e físicas que acrescentam na construção da identidade pessoal de cada indivíduo que a comete e de quem é vítima dela. É como forma de se tornar uma base para os indivíduos citados na segunda ocasião que a comunidade LGBTQIA+ nasceu, construindo dessa forma uma identidade que ao mesmo tempo em que busca incluir todos sob sua bandeira, também o faz individualmente, através das representações específicas que cada uma das siglas traz consigo.

Buscaremos nos próximos tópicos estruturar o surgimento histórico da comunidade LGBTQIA+, seus percursos, tal como a construção e o significado que essa identidade coletiva e individual exerce naqueles que nelas se enquadram.

2.1 POR TRÁS DA HISTÓRIA

De forma surpreendente, multidões de pessoas hoje se encontram para manifestações organizadas em diversas cidades em número de crescimento anual contínuo no Brasil para celebrar o orgulho e lutar pelos direitos da comunidade LGBTQIA+. Como comprovam Simões e Facchini (2005), o Brasil tornou-se o país que mais realiza a Parada do Orgulho LGBTQIA+, uma manifestação popular que dialoga com a política, gerando eventos em mais de cem cidades de território nacional. Estimativas reais colocaram o país no primeiro lugar do pódio quando no ano 2007 foi estimada a participação de 3 milhões de pessoas na Parada LGBTQIA+ da cidade de São Paulo. É de se considerar que temas como sexualidade e gênero fossem estar presentes na pauta de discussão de uma das maiores manifestações públicas do país. A proporção que a causa das “paradas” alcançou provém de muitos momentos que

as sucederam. Se hoje existe um conceito por trás da comunidade LGBTQIA+ foi porque seu percurso construiu, através dos anos, uma identidade para essa comunidade.

As reivindicações da comunidade se tornaram visíveis diante do reconhecimento dos indivíduos, não necessariamente membros desta, de suas importâncias. Se hoje os direitos LGBTQIA+ têm ênfase ao ponto merecido de suscitarem projetos de lei em todos os níveis do legislativo, é porque seus direitos são politicamente requeridos desde 1995, quando a primeira organização para esse fim foi criada, a ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais), que conforme Simões e Facchini (2005, p. 18), “segundo informações de seu portal no início de 2008, contava com 141 grupos afiliados e 62 organizações colaboradoras”. É incontestável que, dessa forma, a comunidade têm adquirido cada vez mais voz e formas de expor suas variadas expressões da homossexualidade.

O mundo LGBTQIA+ está hoje tomando ruas, casas, parlamento, lugares onde antes jamais esteve de forma tão visível. Essa visibilidade, por mais que ainda remota, não surgiu de repente. Como reforçado por Simões e Facchini (2005, p. 22), “a crítica à visão depreciativa das homossexualidades começou a ganhar espaço no país no final dos anos 1970, no embalo do grande movimento de oposição à ditadura militar, e prosseguiu durante o processo de redemocratização”. Foi nessa época que grupos de militância LGBTQIA+ surgiram erguendo bandeiras de igualdade e clamando pelo tratamento igualitário na forma de amar, impulsionados e também reprimidos pela grande epidemia da HIV-Aids, comumente associada à promiscuidade, um dos estereótipos mais recorrentes associado à causa. Essa militância, abastecida pela flama libertária e antiautoritária, não só enfrentou a epidemia quanto também lutou pela extensão dos direitos civis, impulsionada pelo novo arcabouço legal montado a partir da constituição de 1988. Redes de ativistas globais, agências multilaterais e pactos internacionais de direitos humanos foram transformando, aos poucos, o movimento das homossexualidades na forma como o conhecemos hoje, uma comunidade multifacetada. É de se esperar que uma comunidade assim tenha a sua identidade, tal como sua estrutura, ampla e complexa. Afinal, como pode uma comunidade que abrange tantos indivíduos de origens diferentes mantê-los unidos?

Se por um lado, como supracitado, o Brasil é o país que tem a maior Parada LGBTQIA+ do mundo, ele também lidera o ranking de país que mais mata transexuais e travestis, sendo 868 mortes nos últimos oito anos, dado esse publicado pela

organização não governamental TGEu³ (Transgender Europe) em novembro de 2016. O crescimento da visibilidade da causa LGBTQI+ vem se mostrando diretamente proporcional não só ao descontentamento de uma parcela da população não simpatizante à causa, como também ao enfatizar das denúncias das violências específicas contra as homossexualidades. A repressão que a comunidade sofre, adotada pelo nome de homofobia, é vista de forma semelhante ao machismo ou misoginia, quando tratamos do movimento feminista, ou racismo, quando do movimento negro. Ela aparece como uma âncora a partir da qual se procura estruturar as identidades coletivas da comunidade LGBTQIA+. Esse padrão homofóbico de se comportar segue como questionável eticamente. Seria precipitado concluir que a identidade da comunidade LGTBQIA+ gira em torno unicamente do seu compartilhamento de experiências onde o indivíduo sofreu da homofobia alheia, mas também ingenuidade acreditar que essa vivência de violência não cria, nos indivíduos membros desta, um padrão em comum de identidade.

Como demonstra outra pesquisa, essa feita pela ABGLT⁴ no ano de 2015 e publicada pelo jornal online A Folha de São Paulo, 73% dos jovens brasileiros que são LGBTQIA+, entre 13 e 21 anos, dizem ter sofrido algum tipo de homofobia devido a sua orientação sexual no âmbito escolar. Dessa forma, mais uma vez, o Brasil se mostra em primeiro lugar entre os outros países da América Latina que também se submeteram à pesquisa, como Argentina, Chile e México. Embora haja evoluções no aspecto do preconceito e marginalização da comunidade, com números de apoiadores crescendo sempre mais, a homofobia continua se colocando como um obstáculo e, dessa forma, como algo inerente à vida destes indivíduos vitimados. Como uma força maior que se manifesta com obscuridade, a homofobia passa a ser não só um vilão sutil que deve ser vencido diariamente pelas pessoas LGBTQIA+, mas também se transforma no principal pilar sob o qual a identidade da comunidade se constrói. Essa realidade se vê plausível para Simões e Facchini que, em sua obra, reforçam a ideia de que a homofobia faz parte da existência LGBTQIA+.

Na contramão das expectativas de crescente tolerância e liberdade sexual, a homofobia persiste entre nós, sobretudo na forma velada e

³ Disponível em: < <http://especiais.correiobraziliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-assassinatos-de-transexuais>>. Acesso em: 05 Dez. 2018.

⁴ Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/11/1834166-73-dos-jovens-lgbt-dizem-ter-sido-agredidos-na-escola-mostra-pesquisa.shtml>>. Acesso em: 09 Dez. 2019.

menos espetacular da humilhação e da segregação cotidianas, que ocorrem em contextos de proximidade, na família, na escola, entre vizinhos e conhecidos. Pode-se dizer, sem medo de errar, que sofrer algum tipo de insinuação, ofensa verbal ou de ameaça de agressão física faz parte da experiência social de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil (SIMÕES; FACCHINI, 2005, p. 26).

Seria precipitado concluir que a identidade da comunidade LGBTQIA+ se resume unicamente na necessidade em comum de se sobrepor aos desafios que essas pessoas enfrentam no decorrer de sua história. A identidade da comunidade é hoje uma das maiores preocupações da militância que a constrói. Se antes o movimento se resumia com a sigla GLS⁵ (gays, lésbicas e simpatizantes), a sua evolução, que se viu percorrendo uma grande linha na criação de diversas outras siglas e alteração das já antes existentes, hoje propõe como principal ideologia a inclusão de todas as sexualidades tidas como diferentes do padrão heterossexual cisgênero⁶. É também a atual militância da comunidade a principal força responsável pela difusão da ideia de orientação sexual, que surgiu como uma forma de rebater o termo comumente usado “opção sexual”, refutando a criminalização e medicalização. A luta para assegurar o uso dessa expressão alcança presença nos discursos políticos, acadêmicos e também governamentais. Simões e Facchini (2005, p. 29) complementam dizendo que “a expressão não implica consciência nem intenção, tampouco descreve necessariamente uma 'condição'.” Ademais, boa parte da militância LGBTQIA+ acredita que a orientação sexual de um indivíduo é uma propriedade da personalidade desse e, por tal, compõe parte do que esse indivíduo é e faz parte irremediavelmente da sua identidade.

A ideia de que ser LGBTQIA+ é por si só uma parte fixa da identidade de um indivíduo foi e ainda é usada como forte arma contra a errônea concepção e ligação das homossexualidades à doença. Mesmo que o CID (Código Internacional de Doenças) não inclua mais as homossexualidades em seu catálogo de patologias e que, no Brasil, desde 1985 o Conselho Federal de Medicina tenha acatado essa decisão, a ideia ainda permanece de forma silenciosa, mas efetiva. Não são raras as tentativas de se implementar uma “cura” em alguma instância social, seja política, espiritual ou psicológica. Aqui, mais uma vez, vemos como a identidade da

⁵ Comumente associado, atualmente, ao termo *pink money*, que descreve o poder de compra da comunidade LGBT, especialmente no que diz respeito a doações políticas.

⁶ Cissexual ou cisgênero são termos utilizados para se referir às pessoas cujo gênero é o mesmo que o designado em seu nascimento. Isto é, configura uma concordância entre a identidade de gênero de um indivíduo com o gênero associado ao seu sexo biológico e/ou designação social

comunidade se construiu e se resume ao contínuo desejo de se sobressair diante daqueles que sentenciam sua mera existência. A comunidade traz consigo o sentimento de pertencimento, mostrando àqueles que dela fazem parte que cada indivíduo, com sua identidade única, estará representado mesmo que ele não aparente se encaixar completamente com a identidade da comunidade LGBTQIA+.

O ato de expor as diferentes homossexualidades e reafirmá-las se mostra um ato político, também uma tomada de decisão diante de normas sociais que reprimem essas expressões. Dessa forma, a identidade da comunidade LGBTQIA+ se constrói em cima desses aspectos mencionados e se mostra eficiente em suas lutas políticas já tão citadas, em sua missão de se mostrar como um ambiente de acolhimento e pertencimento, como também o principal instrumento para que a vivência das pessoas e suas homossexualidades possam ser defendidas como legítimas.

2.2 AS SIGLAS E SEUS PORQUÊS

A comunidade LGBTQIA+ e o mundo que ela representa vive em constante mudança e evolução. Novas pautas são adicionadas sempre que novas questões que envolvam as homossexualidades, no âmbito político ou social, surgem. Como mencionado no tópico anterior, ela nasceu primordialmente representada pela sigla GLS, que incluía unicamente os gays, as lésbicas e simpatizantes, uma sigla a essa altura com grande foco no comercial. Com a revelação de outras homossexualidades que ainda se mostravam distintas daquelas que eram representadas, novas siglas foram nascendo, novos termos e novos conceitos. Foi no ano de 2005, no XII Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros, que a letra “b”, de bissexuais, passou a fazer parte oficialmente da sigla, tal como foi onde ocorreu a conciliação de que a letra “t” passaria a referir igualmente aos indivíduos travestis, transexuais, e transgêneros dentro da comunidade. Posteriormente, a sigla LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros) se tornaria a denominação oficial, conforme aprovado pela I Conferência Nacional GLBT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros). Mesmo que uma decisão recente, a sigla continua em mudança. Nos meios de militância, ainda surgem novas letras para representar novas homossexualidades, como o “i” de intersex, o “q” de *queer* e o “a” de agêneros e

assexuados. Neste artigo, a essa altura já possível de se distinguir, existe a preferência pela sigla LGBTQIA+, que inclui as duas categorias anteriormente mencionadas e o “+”, que vem a indicar a possibilidade da inclusão de novas homossexualidades. Basta concluir por ora que a denominação é aberta e sempre sujeita a mudanças.

Se antes foi apresentado o conceito da identidade da comunidade LGBTQIA+ como uma bandeira que cobre todos aqueles que dela fazem parte, aqui vale separar de forma mais minuciosa a parte da bandeira que cobre cada um dos indivíduos separadamente. Cada sigla traz consigo uma homossexualidade que a representa e diferencia das outras. É importante perceber a existência de peculiaridades nos indivíduos. A identidade que a comunidade LGBTQIA+ carrega consigo coexiste com a identidade de cada uma das siglas, não se sobressaindo nem se escondendo, mas simplesmente se completando. Não há o privilégio na identidade macro ou micro, nesse caso, pois elas coexistem. Como Brah (2006, p. 371) coloca, “questões de identidade estão intimamente ligadas a questões de experiência, subjetividade e relações sociais”. Um homem gay logicamente vivencia diferentes situações do que uma mulher lésbica, por exemplo. O gênero por si só é uma diferença que altera a relação existente entre este indivíduo homossexual e a sociedade. Homens e mulheres têm papéis e exigências impostas socialmente diferentes, tal como barreiras variadas. Uma mulher transexual enfrenta, ainda, outros obstáculos. Nesse sentido, Brah reafirma mais uma vez como essas diferenças moldam a identidade de cada um mesmo quando essas pessoas têm uma identidade coletiva, explicando de forma coesa e sucinta.

A relação entre a biografia pessoal e a história coletiva é complexa e contraditória. Enquanto as identidades pessoais sempre se articulam com a experiência coletiva de um grupo, a especificidade da experiência de vida de uma pessoa esboçada nas minúcias diárias de relações sociais vividas produz trajetórias que não simplesmente espelham a experiência do grupo. De maneira semelhante, identidades coletivas não são redutíveis à soma das experiências individuais. Identidade coletiva é o processo de significação pelo qual experiências comuns em torno de eixos específicos de diferenciação [...] são investidas de significados particulares (BRAH, 2006, p. 371-372).

Essas diferentes identidades coexistem. Como identidade é um processo, é preferível tratá-la como algo que não está completamente construída, tal como a própria comunidade LGBTQIA+. Através desse aspecto, compreendemos melhor o

porquê de termos aqui uma sigla tão mutável. Se cada uma das letras representa uma vertente da comunidade, podemos concluir que cada vez mais novas vertentes, nascidas de novas experiências de vida, se aglomeram em volta dessa identidade geral, criando novos núcleos e novas identidades. Partindo do ponto de vista de um indivíduo em específico, sua identidade geral possui traços de sua identidade LGBTQIA+, que se manifesta de forma diferente quando membro da comunidade e quando uma pessoa exclusiva. Se por um lado ele pertence ao todo que é a comunidade, por outro ele também é um indivíduo de características únicas, e dentro dessa comunidade, se identifica com alguma vertente específica da comunidade, assumindo papéis sociais e políticos a partir dessa homossexualidade que o representa.

Butler (2003a) acredita que ser lésbica ou gay é já não saber o próprio sexo. É estar imerso numa confusão e proliferação de categorias que fazem do sexo uma categoria de identidade impossível. Com tantas diferenciações dentro da própria comunidade, é natural que questões como as próprias diferenças sejam erguidas. A aceitação de padrões comportamentais que tendiam o mais perto do que se entendia como a heterossexualidade sempre foi uma clara valorização da sexualidade viril, forte e máscula. Isso trouxe fortes contradições e tensão às conexões entre os gays, lésbicas e transgêneros. Como Simões e Facchini dizem (2005, p. 48), um “sentimento de que as lésbicas deviam formar agrupamentos independentes, que lhes possibilitassem escapar do predomínio masculino nos grupos homossexuais” se manifestou com mais afinco. A busca pela autonomia do movimento lésbico o distanciou dos gays e até mesmo do movimento feminista. Esse processo, como esperado, gerou peculiaridades na identidade lésbica, tal como na gay e de transgêneros dentro da comunidade LGBTQIA+.

São esses tabus, barreiras e preconceitos específicos de cada homossexualidade que as diferenciam. Os gays enfrentam determinados tipos de desafios, enquanto as mulheres lésbicas tantos outros. Bissexuais, travestis, transgêneros, transexuais, também aqueles que se identificam com os novos termos *queer* e intersex e até os que não se enquadram nesses termos e se vêm de forma diferente do padrão heteronormativo⁷ enfrentam e enfrentarão questões íntimas

⁷ Refere-se à heteronormatividade, ao conceito de que apenas os relacionamentos entre pessoas de sexos opostos ou heterossexuais são normais ou corretos. Que enxerga a heterossexualidade como a norma numa sociedade.

únicas, preconceitos que se manifestarão de maneiras diferentes. Questões como sexualidade, construção de gênero e tantas outras que rodeiam esse universo são os tijolos que erguem a parede que é a identidade dessas pessoas, e mesmo que o pilar principal ressaltado aqui seja o da homofobia, outras coisas se constroem em volta desse pilar.

3. A ALTERIDADE DA COMUNIDADE LGBTQIA+ NA MÍDIA

Considerando a comunidade LGBTQIA+, concluímos que sua identidade não é compreendida devido a sua complexidade. Se a identidade da comunidade se ergue através do combate à homofobia, seu principal pilar, essa identidade está longe de ser completamente contemplada por indivíduos que dela não fazem parte. Vê-la como algo que foge no padrão pode se mostrar uma ferramenta favorável à sua causa, mas não é o que costuma acontecer. Dentro das diferentes siglas, até mesmo, diferenças de tratamento e representação, às vezes a falta dela, se mostram presentes. Nos tópicos que se seguirão, procurarei mostrar como e o porquê da comunidade ter sua identidade vista como a do outro e não enquadrada no normal, além de demonstrar, por fim, como essa identidade é transformada e seus princípios básicos transfigurados, onde a mídia nos enfatiza àqueles que estão dentro de um padrão normativo aceitável.

3.1 A IDENTIDADE DO OUTRO

Vivemos um mundo que tende à homogeneização global, sustentada pelo extenso processo histórico da ocidentalização mundial causada pelo advento da globalização que disseminou a ideia da Europa-Occidental como a imagem a se seguir do moderno, sendo então o outro, o oriente, a de não evoluído, de concepções bárbaras e ultrapassadas. Este termo, o “outro”, também lido como “exótico” por Hall (2015b) e compreendido aqui como uma forma de expressar a alteridade, foi concebido como uma forma de diferenciar os não inclusos nesta contestável evolução,

como forma de ressaltar a intolerância da população dominante, colonizadora, masculina, europeia e branca para com aqueles que não correspondem a essas características. Foi com o intuito de diferenciar aqueles incapazes de se enquadrarem no padrão dominante do homem ocidental que classificações como raça, etnia, gênero e sexualidade surgiram. De raça, temos o negro, não o branco; de gênero, a mulher, não o homem; de etnia, o índio, o asiático, não o europeu; e de sexualidade o homossexual, não o heterossexual. Os termos não são inclusivos, mas seu oposto, e é para reforçar as diferenças que eles são usados.

Em um cenário atual e pós-moderno em que a parcela significativa da sociedade que atende por essas características heteronormativas têm cada vez mais adquirido espaço e mostrado sua existência em números consideráveis, como já visto anteriormente, mais o aspecto exclusivo de sua nomeação se torna ultrapassado. É para isso que movimentos identitários, têm lutado. Nesse artigo tem sido proposto o entendimento e a reflexão sobre os desafios desses grupos, focando no aspecto da sua identidade. Os LGBTQIA+ precisam enfrentar e ressaltar as dificuldades encontradas dentro de seus próprios grupos e fora deles, adicionando questões relevantes como o passado histórico da construção de sua identidade e de sua influência social.

O dualismo que rodeia as identidades, segregando-as entre o padrão aceitável e todo o restante que não condiz com este padrão, afeta todos os tipos de relação, inclusive as sexuais e de gênero, o que engloba, naturalmente, todas as homossexualidades. Existe uma notória diferença entre a heterossexualidade e as homossexualidades, estas tão diferentes da primeira, no que se compreende como o que nos foi imposto como natural. Para embasar melhor como surgiu a visão da identidade da comunidade LGTBQIA+ pelo sujeito dominador, é necessário ressaltar um dos aspectos principais que tomaram conta da identidade coletiva propagada pelo eurocentrismo: a religião.

O processo da cristianização como uma crença imposta a todos também influenciou na época da colonização como uma forma violenta e eficaz, apesar, de controle dos indígenas e posteriormente dos negros, mas neste escrito me contendo em ter a questão das homossexualidades como o problema gerado por essa supremacia religiosa. Foi sobretudo entre os séculos XV e XVI, época da Inquisição, que a ideia da “alma” foi enfatizada e concretada no ideológico dos homens. Assim, seu contraposto, o “corpo”, que era tido como mais natural e feminino, portanto

distante do evoluído, se tornou um objeto de repressão. É possível aqui criarmos um paralelo com o termo tão usado neste artigo, o “outro”, onde a alma se torna o superior e o corpo sua minoria, digna da exploração e exclusão. Ademais, não cabe aqui se aprofundar no quesito gênero quando tratamos unicamente de mulheres cisgêneras, mas sim do aspecto do feminino, sempre recorrentemente correlacionado aos membros da comunidade LGBTQIA+. Foucault (2005, p. 43) nos diz como a comunidade LGBTQIA+ e seus indivíduos sempre tiveram sua identidade lida como se construídas em cima da feminilidade, do feminino, da imagem da mulher. Ele nos mostra que “a homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma”. Como Butler (2003a, p. 179) ainda nos ressalta, “no senso comum, a associação do feminino com fragilidade ou submissão, e que até hoje servem para justificar preconceitos”. Que a identidade LGBTQIA+ é vista como inferior não há dúvidas, mas é preciso saber que essa identidade diferente, essa alteridade, foi construída embasada em questões sociais ultrapassadas, as quais sempre foram exclusivas, mas que nos tempos atuais não são mais cabíveis.

Esse alteridade tem consequências inúmeras. Se por um lado a comunidade LGBTQI+ visa primordialmente o fim da homofobia e tem como seu principal motivo de união o combate à ela, aqueles que os nomeiam como “os outros”, o padrão ocidental heteronormativo, apenas reforça diariamente um ciclo de homofobias embasadas em pontos ultrapassados para a atualidade. Compreendida a ideia da utilização do termo proposto por Hall (2005b) utilizado neste tópico, o próximo reforça essa falsa face da identidade criada para comunidade LGBTQIA+ através do poder midiático, hoje, penetrado na vida e na construção da identidade de todas as pessoas.

3.2 A IDENTIDADE QUE É EXPOSTA

Considerando a comunidade LGBTQIA+ e todos os conceitos aqui trazidos como algo emergente e relativamente novo, me limito em mencionar também um padrão cultural dito moderno como forma de controle: a mídia. Assim como as outras classificações mencionadas anteriormente, as sexualidades são a mais atual forma de exclusão encontrada pela sociedade padrão-ocidental. Em resposta a movimentos

contemporâneos como o LGBTQIA+, que adquirem força através de seus membros, haverá, em contrapartida, representatividade dada por grandes marcas, explorando mercadologicamente o tema. Haverá, portanto, questionamentos sobre essa representatividade no mercado, vista principalmente em ações publicitárias de grandes marcas. A verdade é que toda essa ação em cima da comunidade não passa de um processo de tornar a causa um produto a favor do mercado. Segundo Kellner (2001), a mídia só mostra a cultura de forma comercial em que ela possa ser vista como uma mercadoria, logo uma cultura produzida visando o lucro. Kellner também diz que:

A comercialização e a transformação da cultura em mercadoria trazem muitas consequências importantes. Em primeiro lugar, a produção com vistas ao lucro significa que os executivos da indústria cultural tentam produzir coisas que sejam populares, que vendam, ou que [...] atraiam a audiência das massas. [...] Mais precisamente, a necessidade de vender significa que as produções da indústria cultural devem [...] oferecer produtos atraentes que talvez choquem, transgridam convenções e conttenham crítica social (KELLNER, 2001, p. 27).

Já não é mais novidade que o mercado sempre busca se atualizar para se manter na moda. Vender necessita o acompanhamento das tendências de mercado e, como um assunto que tem crescido em larga escala, as homossexualidades podem, do ponto de vista capitalista, serem consideradas um produto com grande potencial de mercado pela indústria cultural. É de se esperar que a exploração desse tema por parte do mercado cresça para que essa massa consumidora específica também faça parte da massa consumidora geral. Mas o ato de atingir todo tipo de consumidor em potencial não é, como já visto, inclusiva.

O apoio de marcas as causas da comunidade LGBTQIA+ é um apoio comercial e superficial. É comum vermos uma variedade de marcas adotando um posicionamento amigável a comunidade, com campanhas que lhes favorecem a causa. É correto dizer, então, que as homossexualidades são tratadas como um produto e não uma condição que classifica-os como inferiores segundo o código de características sociais. Para o mercado não é a inclusão desse grupo que lhe favorece financeiramente, mas justamente o contrário, e é por conta disso que esse apoio precisa ser melhor analisado. Em seu livro Kellner concorda com a questão, enfatizando como principal culpado o capitalismo, o mercado, na menção:

A diferença vende. O capitalismo deve estar constantemente multiplicando mercados, estilos, novidades e produtos para continuar absorvendo os consumidores para as suas práticas e estilos de vida. A mera valorização da “diferença” como marca de contestação pode simplesmente ajudar a vender novos estilos e produtos se a diferença em questão e seus efeitos não forem suficientemente aquilataados (KELLNER, 2001, p. 61).

O conceito de diferença ressaltado pelas aspas pelo autor faz ligação direta com o termo “outro”, tão enfatizado neste artigo, que distingue então os de sexualidade distintas. O que vale como informação principal extraída de Kellner é a sua constatação de que o mercado usa do falso pretexto de inclusão desses indivíduos excluídos para vender seus produtos que, em sua embalagem superficial, trazem o discurso de apoio ao mesmo tempo em que o fazem de forma a manter essa exclusão intacta. A lógica mercadológica não se abre para outras interpretações porque nos fica claro que o que é diferente vende até o ponto em que permanece, então, sendo diferente. Podemos ver a aplicação dessa realidade quando, por exemplo, patrocínios ocorrem em épocas consideravelmente significativas para o movimentos contemporâneos, como a Parada LGBTQIA+. Marcas dão seu apoio para que a sua imagem apareça de forma recorrente, seja nas mídias ou no diálogo de seus participantes. É contraditório quando, fora dessas épocas específicas, há um majoritário abandono a causa LGBTQIA+ em situações críticas.

Quando existe uma marca que procura então expor de forma natural uma minoria na mídia, sua verdadeira intenção é majoritariamente comercial, e isso não acontece exclusivamente com a comunidade LGTBQIA+. A segregação desses grupos inferiorizados cria novos nichos de consumidores, com suas características específicas e sua forma singular de reação aos estímulos da mídia. A apropriação cultural, então, destes movimentos, suas lutas e seus símbolos, não acontece por um indivíduo específico, mas sim pela sociedade capitalista que, através dela, busca constantemente torna-los um produto passível de venda e gerador de lucro. A maior ambiguidade destas constatações é a dificuldade, como encontrada nas relevâncias anônimas, de se definir uma solução.

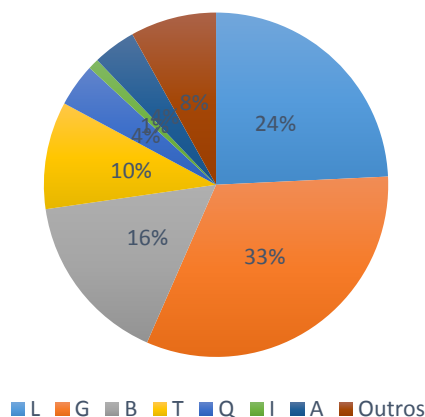
É errôneo concluir que a exposição da existência dessa diferença, mesmo que superficial como é, pelo mercado, seja irreduzivelmente inútil, mas é automático concluir que poderia alcançar níveis de inclusão muito mais significativos. A identidade verdadeira da comunidade LGBTQIA+, além das identidades únicas de cada sigla que essa comunidade abrange, tem sua participação na mídia de forma tímida e quase

apagada, retratando comumente padrões estereotipados, mas a familiarização desse padrão de imagem diferente, de certa forma, também torna os seus conceitos rotineiros.

4. A DUALIDADE DA COMUNIDADE LGBTQIA+

A partir desse ponto já compreendemos e podemos distinguir qual é a definição da identidade da comunidade LGBTQIA+ conforme o que foi proposto neste artigo, embasado pelos autores utilizados, e qual é a alteridade criada através do poder midiático e da busca incessante em não simplesmente agradar seu público, mas instigá-lo a consumir ainda mais da sua fonte muitas vezes controversa de informação. Por outro lado, é possível reafirmar novamente que supor que a identidade de um grupo ou de uma comunidade de tamanho tão abrangente pode se resumir simplesmente à luta contínua contra o preconceito seria prepotência, uma vez que, tão vasta, a comunidade possui indivíduos únicos e, mais a fundo, pequenas mas significativas lutas individuais. Se existe alguém que pode fundamentar ou denegar essa conclusão. Esse alguém é, sem sombra de dúvidas, o próprio indivíduo membro da comunidade aqui estudada. Para embasar as questões colocadas, realizou-se uma pesquisa qualitativa (APÊNDICE A) com uma amostra de 50 pessoas pertencentes à comunidade LGBTQIA+, independentemente da sigla com a qual ela se identifica, buscando compreender melhor a opinião do próprio objeto de estudo deste artigo.

Gráfico 1 - Com qual sigla se identifica



De todos os participantes da pesquisa, 32% se identificaram como gay, 24% como lésbica, 16% como bissexual, 10% como travesti, transexual ou transgênero, 8% como mais ou outro, enquanto 4% como *queer*, assexuado ou agênero e apenas 1% como intersex. De antemão, podemos perceber que enquanto as siglas mais conhecidas compõem o pódio de maior porcentagem, as mais desconhecidas ou ditas como novas possuem a menor. Como visto na história da comunidade LGBTQIA+, o movimento surgiu com as siglas GLS, os gays e as lésbicas como enfoque, enquanto depois se introduziu as siglas B e T e recentemente as Q, I e A, as menos escolhidas. É válido perceber que, até hoje, aqueles que ocupam em mais quantidade o espaço dedicado à comunidade ainda são, em sua maioria, os gays e as lésbicas, como também nos espaços midiáticos destinados ao assunto. Nesse quesito, embora superficial, mas trivial, a identidade da comunidade LGBTQIA+ tem um rosto mais popular, do homem gay, da mulher lésbica, e aqui existe uma notória compatibilidade com o que vemos na mídia. Raras são as retratações midiáticas de pessoas bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, e mais raras ainda, senão inexistentes, são as das pessoas *queers*, intersex, assexuados ou agêneros. Muitos sequer sabem os significados destas siglas, alguns da própria comunidade LGBTQIA+.

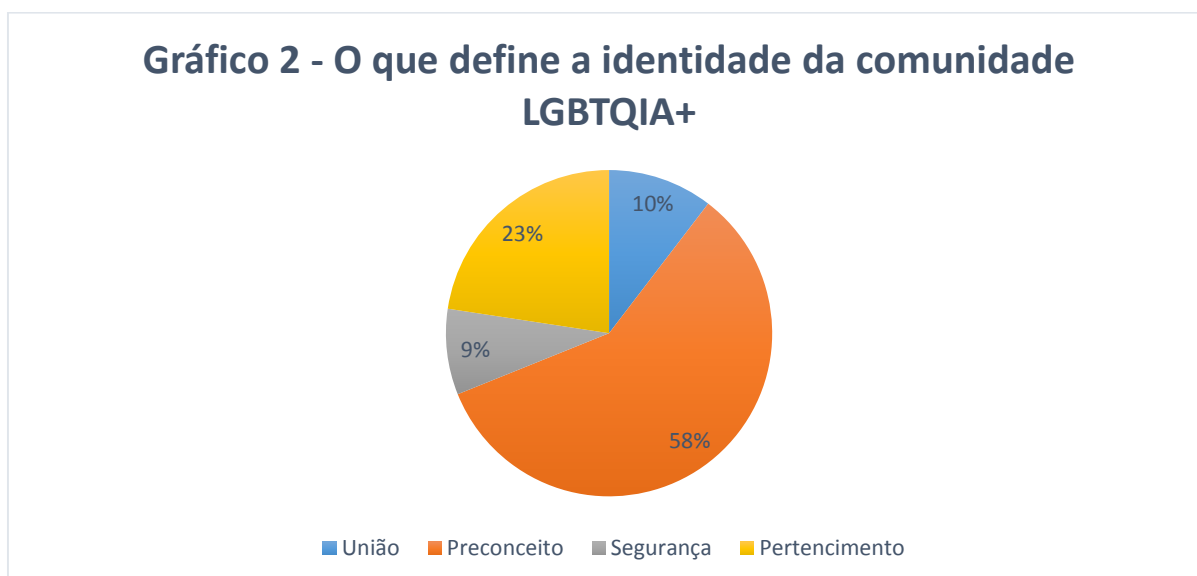
Quando questionados sobre como entendem a existência da comunidade, houve concordância na opinião da maioria dos participantes. Entre menções à luta diária contra o preconceito, um espaço seguro para o encontro com semelhantes e movimento político pela busca de direitos iguais, alguns manifestaram pontos relevantes que, de certa forma, embasam o que foi analisado anteriormente quanto a predominância cisgênera dos gays e das lésbicas, ressaltando que, até mesmo entre estes dois nichos, o do homem permanece como principal foco. Um dos participantes, Fábio Stern (APÊNDICE B), homem, gay, diz: “acho bastante difícil definir a comunidade visto ser tão plural e englobar pessoas das mais diferentes etnias e gerações”, e que “acho que o conhecimento público e a visibilidade ainda são muito focadas nos gays homens cis brancos e jovens, e que a própria comunidade tem rixas internos e pouca consciência de classe”. Outra participante, Giulia Cobra (APÊNDICE C), mulher, lésbica, acrescenta que “muitas vezes acaba também criando e reproduzindo preconceitos e intrigas devido à grande diversidade de pessoas e questões que são englobadas pela sigla”. Por um lado então temos a mídia tornando invisíveis aqueles que são diferentes do padrão, permitindo sutis participações de

gays e outrora lésbicas e, do outro, a própria comunidade vivenciando e estimulando preconceitos e exclusões daqueles que não seguem esse padrão sequer minimamente. Os BTQIA+ da comunidade são colocados na sombra do L e do G, primordialmente do G, e esse ciclo torna-se vicioso. Para alguns a comunidade é um espaço de acolhimento, para outros mostra-se como um espaço onde também há de se tentar sobreviver.

Com base no que já foi mostrado, especialmente à referência supracitada da natalidade destes indivíduos, sabe-se que as pessoas travestis, transexuais e transgêneros são as que mais são prejudicadas nessa questão interna da própria comunidade. Quando questionada sobre como se sente sendo membra da comunidade, uma travesti que não quis ser reconhecida (APÊNDICE D) diz que se sente acolhida somente no nicho daqueles que são como ela, as próprias travestis, mas que sofre preconceito não só das pessoas de fora como dos próprios companheiros da comunidade que se colocam embaixo das outras siglas. “Somos marginalizadas”, menciona. Outra participante, mulher e bissexual que também não quis expor o nome (APÊNDICE E) acredita nesse pensamento de exclusão dentro da comunidade LGBTQIA+, e completa dizendo: “como bissexual eu me vejo muito *invisibilizada* dentro do movimento. É como se não fôssemos LGBT o suficiente para sofrermos opressão”. Adiante, a mesma participante reforça esse comportamento antes criticado quando diz que não acredita na teoria *queer* e que acredita que os assexuados não sofrem opressão como as demais siglas. Esse efeito controverso que também pode ser lido como *duo* se constrói a partir dessa metamorfose que a identidade da comunidade vive uma vez que é constantemente contaminada pelas inserções diárias da visão exclusiva da mídia.

Devido aos diferentes níveis de opressão externa sofridos dentro da comunidade LGBTQIA+, há um caos composto também por opressões internas, muitas vezes funcionando de maneira inconsciente e causado originalmente pelo ódio que vem de fora. É incrivelmente profunda a experiência de receber ódio externo e percebê-lo sendo diluído lentamente dentro da comunidade própria comunidade LGBTQIA+. Reconhecer que esse fenômeno coexiste ao sentimento de acolhimento e busca por representatividade é estritamente necessário, já que dessa forma podemos entender mais profundamente o poder que a mídia tem não só em indivíduos que não vivenciam essas experiências exclusivas das homossexualidades mas como também naqueles que as vivenciam, desvirtuando seus conceitos, roendo pelas

beiradas sua identidade original e repondo-a com informações nem sempre são verdadeiras e, majoritariamente, nunca inclusivas em sua totalidade, como vimos antes. Uma vez difusa pela manipulação externa e pela repetição de padrões heteronormativos que são socialmente aceitos, a comunidade LGBTQIA+ tem hoje como um dos seus grandes enfoques a união de todas as siglas que a compõe em uma única luta: a contra o preconceito. Buscando definir qual é a característica que realmente corresponde a identidade da comunidade LGBTQIA+ conforme as respostas obtidas, 58% dos participantes disseram que é a luta contra o preconceito o maior laço de união e a principal luta da comunidade, enquanto outros 23% acham que é o sentimento de pertencimento a grande força que mantém a comunidade ainda em atividade e em constante crescimento.



Nos fica claro que mesmo sendo o preconceito sofrido ou quiçá a luta contra ele, constante e inerente à vida dos membros da comunidade, de níveis mais sutis até níveis inadmissíveis, o maior obstáculo e a maior meta da comunidade LGBTQIA+, como estabelecido nesse escrito, a identidade coletiva da comunidade possui outras situações. Podemos fazer aqui uma analogia, onde a identidade funciona como uma folha, com sua principal nervura como o preconceito e a luta contra ele, enquanto desta se projetam outras pequenas nervuras, que também a compõe, estendendo-se e ramificando-se para direções distintas, abrangendo temas como acolhimento, representatividade, direitos sociais, políticos e econômicos, e tantos outros debatidos nas pautas que permeiam os movimentos e as paradas LGBTQIA+ atuais. Fica claro

que a alteridade criada pela mídia não só criou uma alteridade da identidade da comunidade LGBTQIA+ como teve e ainda tem grande papel na construção da visão dessa identidade dos indivíduos que consomem produtos frutos dessa força midiática. Outro participante da pesquisa complementa dizendo:

Como *queer*, nunca sequer vi uma representação digna na televisão, nem novela, séries, nada. Acho terrível porque demorei muito para me reconhecer como *queer* e sei que muito disso é porque nunca nem tive alguém para me inspirar que fosse como eu, como um ídolo *queer*, por exemplo. Muita gente da comunidade sofre por isso: falta de representatividade. A gente se sente sozinho no mundo. (*queer*, nome desconhecido, APÊNDICE F).

A mídia não só teria o poder de dar voz para estes indivíduos e sua luta de forma efetiva, como também poderia suprir a falta de um ídolo, como mencionado pelo participante, a conhecida representatividade, tão em falta quando o assunto é não só a comunidade LGBTQIA+ como todo e qualquer grupo marginalizado perante a sociedade. O dualismo é, no fim das contas, como um dos grandes problemas enfrentados pela comunidade, pois ele não só se mostra eficaz em interferir no que se propõe como os objetivos sociais, econômicos e legais da própria comunidade, como também os emocionais, gerando conflitos de âmbito macro, citados antes, como micro, dentro da própria comunidade e também dentro de cada pessoa individualmente. Sem representatividade, e representatividade correta, o quadro que se pinta da imagem da comunidade se torna abstrato e de interpretação difusa. Se antes citei que a identidade da comunidade poderia ser uma folha, agora complemento que a alteridade da comunidade se mostra como uma joaninha, inofensiva à primeira vista, mas que se alimenta, pouco a pouco dessa identidade, anulando pontos relevantes da coletividade que, no fim, acabam passando batidos até mesmo pelos próprios membros da comunidade LGBTQIA+.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que não é possível resumir uma identidade coletiva de tamanha proporção a simplesmente uma palavra ou um termo. Nem mesmo uma identidade pessoal é dessa simplicidade toda. Ao se tratar de uma identidade composta por tantas pessoas diferentes, de vivências únicas e compreensões diferentes de uma mesma realidade, podemos concluir que a comunidade LGBTQIA+ é muito mais do que uma luta interminável contra o preconceito. Ela é acolhimento, ela é representatividade e, mais do que tudo isso, ela é um movimento político que luta pelos direitos de todos os indivíduos que dela fazem parte, em tese, sem exceções. Que a comunidade LGBTQIA+ tem um grupo privilegiado dentre os menos privilegiados também foi uma observação constatada e contemplada através das pesquisas realizadas para o embasamento dessas informações. Quiçá contraditória, a identidade da comunidade cresce em e se ramifica em diversas questões, externas e internas, mas acabam sempre retornando ao mesmo ponto, a fonte: o preconceito. Mesmo que não se resuma a isso, o preconceito que as pessoas que dessa comunidade fazem parte sofrem é, sem sombra de dúvidas, a grande origem dos males que se sucederam posteriormente, tal como a alteridade criada pela mídia, aqui, exposta.

Partindo do pressuposto de que o poder midiático é incontestável, sua força de mover massas implanta, constantemente, ideais e ideias que não são necessariamente originárias da consciência coletiva, mas que são disseminadas e, outrora, alimentadas quando esfomeadas. Esse fenômeno é capaz, e foi, de alterar a percepção das pessoas da identidade verdadeira da comunidade LGBTQIA+, outrora até mesmo das pessoas que dela fazem parte, repercutindo em um padrão comportamental de exclusão e preconceito que se reflete em intrigas íntimas da própria comunidade, resultando na desunião das siglas mais marginalizadas da comunidade que representam em sua maioria as travestis, as pessoas transexuais e transgêneras. Esse dualismo se mostra presente das mais variadas formas, como exposto nesse artigo, seja na difamação e incompreensão do dito como o outro, o diferente, o exótico e não heteronormativo, seja na desunião e afastamento de indivíduos que, majoritariamente, da comunidade fariam parte.

Seria precipitada a conclusão de que a mídia desfavorece completamente àqueles da comunidade LGBTQIA+ fazem parte e de que a exposição de sua existência em veículos que atingem massas não seja passível de aproveitamento. O simples ato de existir, para essas pessoas, é luta. Expor ao mundo traz uma questão importante: os LGBTQIA+ estão por aí, no Brasil e no mundo todo, vivendo e existindo, como todas as outras pessoas que nesse padrão não se encaixam. Os olhos se acostumam com aquilo que veem. Todavia, também seria ingenuidade terminar de forma tão otimista, pois como já visto, nem toda exposição carrega consigo uma boa intenção. É preciso discernimento crítico para conseguir separar o que favorece a causa LGBTQIA+ e o que não favorece. Ainda existe um longo percurso pela frente para que esse dualismo deixe de perambular dentro da comunidade e, naturalmente, a forma mais propícia de fazê-lo, no fim das contas, é combatendo com afinco o preconceito e aquele padrão que conhecemos através dos anos de colonização eurocêntrica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2013.
- BRAH, Avtar. **Diferença, diversidade, diferenciação**. Cadernos Pagu (26), Campinas, SP: Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2006.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003a.
- _____. **O parentesco é sempre tido como heterossexual?** Cadernos Pagu (21), Campinas, SP: Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2003b.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução de Sandra Castelo Branco. São Paulo, SP: UNESP, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**, vol.01. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 2005.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tadeu da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro, RJ: Lamparina, 2015.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- PAULO SALDAÑA. **73% dos jovens LGBT dizem ter sido agredidos na escola, mostra pesquisa**. Folha de S. Paulo, 2015. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/11/1834166-73-dos-jovens-lgbt-dizem-ter-sido-agredidos-na-escola-mostra-pesquisa.shtml>>. Acesso em: 09 Dez. 2019.
- QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e américa latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo, 2009.
- THAÍS CUNHA. **Rotina de exclusão e violência**. Correio Braziliense, 2016. Disponível em: < <http://especiais.correiobraziliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-assassinatos-de-transexuais>>. Acesso em: 05 Dez. 2018.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

APÊNDICA A – Pesquisa qualitativa realizada virtualmente junto à membros da comunidade LGBTQIA+

A IDENTIDADE DA COMUNIDADE LGBTQIA+.

De forma surpreendente, multidões de pessoas hoje se encontram para manifestações organizadas em diversas cidades em número de crescimento anual e contínuo no Brasil para celebrar o orgulho e lutar pelos direitos da comunidade LGBTQIA+. O Brasil se tornou o país que mais realiza a Parada do Orgulho LGBTQIA+. Se hoje existe um conceito por trás desse movimento foi porque seu percurso não só fez história como também construiu, através dos anos, uma identidade para a comunidade. Como brasileiro e membro integrante da comunidade LGBTQIA+, o questionário tem como objetivo compreender melhor qual a visão sua diante do que se desenvolve no trabalho de conclusão de curso de Gestão de Projetos Culturais que aborda, como principal tema, a identidade LGBTQIA+ e seu desenvolvimento na sociedade.

De antemão, agradeço sua colaboração.

Atenciosamente, Guilherme Bortoletto, pós-graduando.

1. Caso se sinta confortável, seu nome completo.
2. Você se identifica através de qual sigla?
3. Descreva brevemente sobre seu entendimento da comunidade LGBTQIA+ como preferir.
4. Descreva brevemente sobre como se sente sendo membro da comunidade LGBTQIA+.
5. Considerando que a identidade é um conceito de uma característica subjetiva, o que define, na sua opinião, a identidade da comunidade LGBTQIA+?
6. Ignorando a resposta da pergunta anterior, dentre as opções a seguir, o que define para você a identidade da comunidade LGBTQIA+?
7. Como consumidor de produtos de origem midiática, como você se sente vendo a retratação da comunidade LGBTQIA+ nesses produtos?

APÊNDICE B – Pesquisa respondida por Fabio Stern

1. Fábio Stern.
2. G (Gay).
3. Acho bastante difícil definir a comunidade visto ser tão plural e englobar pessoas das mais diferentes etnias e gerações. No geral acho que o conhecimento público e a visibilidade ainda são muito focados nos gays homens cis brancos e jovens, e que a própria comunidade tem rachas internos grandes e pouquíssima consciência de classe.
4. Com medo. Sinto-me hoje como o bode expiatório do pior que existe no cristianismo fundamentalista, como se ocupasse a mesma posição que as bruxas ocuparam no imaginário comum durante a Idade Média. Temo pela minha vida e do meu parceiro.
5. Não acho que ela tenha uma identidade singular. E nem que deve ter. A tentativa de criação de uma identidade única serve somente aos propósitos de massificar a nossa população enquanto consumidores em potencial para o famoso mercado do pink money. Para mim, deveríamos celebrar a diversidade de identidades, no plural, fomentando o respeito e a tolerância às diferenças.
6. A luta contra o preconceito sofrido pelos membros.
7. Pouco representado.

APÊNDICE C – Pesquisa respondida por Giulia Prezinhas Cobra

1. Giulia Prezinhas Cobra.
2. L (Lésbica).
3. A comunidade LGBTQIA+ tem como proposta ser uma união dos grupos marginalizados da sociedade por sexualidade e/ou identidade de gênero, e ser um espaço seguro de debate, interação, conscientização e resistência contra a atual sociedade preconceituosa, mas que muitas vezes acaba também criando e reproduzindo preconceitos e intrigas devido à grande diversidade de pessoas e questões que são englobadas pela sigla.
4. Eu sendo uma mulher cis, branca e lesbica sinto que não tenho muito espaço para debater minhas questões comparando com a visibilidade dos gays, e o meio lésbico é muito dividido e pouco didático, sendo assim acabo preferindo não interagir muito em redes sociais ou com pessoas que não tenho muita proximidade pra evitar algum tipo de desentendimento com pessoas que não estiverem abertas à um debate sincero e livre de preconceitos, dito isso, tenho como 95% das minhas amizades pessoas do meio de diferentes visões e experiências e são as pessoas que tenho como mais especiais na minha vida e que deram maior suporte e ajuda em momentos difíceis que não poderia ser ajudada pela minha família e definitivamente ter me descoberto LGBTQIA+ e ter amigos que também fazem parte me salvou muito e fez muito bem para o meu crescimento de amadurecimento como pessoa.
5. A identidade da comunidade num geral, pra mim, é de pessoas marginalizadas que se unem para ganhar visibilidade e combater o preconceito, e que cada núcleo da comunidade se diferenciam drasticamente uns dos outros, cada um tendo sua identidade criada a partir de suas experiências prévias.
6. O preconceito que todos nós que somos LGBTQIA+ sofreremos ou sofreremos na vida.
7. Vejo casais gays e as vezes casais de lesbica nas novelas, mas pouco, e sempre superficial. Não gosto.

APÊNDICE D – Pesquisa respondida

1. Nome desconhecido. Não quis se identificar.
2. T (Travesti, transexual ou transgênero).
3. Uma comunidade onde as minorias, de gênero ou sexualidade, se unem.
4. Acolhida entre as que são como eu (travestis), mas sei que existe muito preconceito dentro da própria comunidade, principalmente com nós. Somos marginalizadas.
5. A luta contra a homofobia, machismo, patriarcado, tudo isso que interfere em nosso direito de sermos simplesmente quem somos.
6. A união das travestis como eu e também a luta diária pela sobrevivência.
7. Péssima! Sempre uma retratação muito cômica ou caricata, nunca realista nem nunca se dando ao trabalho de abordar temas realmente importantes para a causa da comunidade.

APÊNDICE E – Pesquisa respondida

1. Nome desconhecido. Não quis se identificar.
2. B (Bissexual).
3. Eu entendo a comunidade LGBT como uma união de pessoas que lutam contra as opressões que sofrem.
4. Como bissexual eu me vejo muito invisibilizada dentro do movimento. É como se não fôssemos LGBT o suficiente para sofrermos opressão. A luta contra a homofobia, machismo, patriarcado, tudo isso que interfere em nosso direito de sermos simplesmente quem somos.
5. Eu, particularmente, não acredito na teoria queer e não acho que assexuados sofram opressão da maneira que LGBTs sofrem. Mas, claro, como não estou na pele deles, não posso ter convicção.
6. Pertencimento, saber que você não é a única. Lutar contra a homofobia e todo tipo de preconceito.
7. Não me lembro de ter visto nenhuma bissexual a não ser em séries da Netflix. Acho pouco, mas também não assisto muita televisão.

APÊNDICE F – Pesquisa respondida

1. Nome desconhecido. Não quis se identificar.
2. Q (Queer).
3. Um movimento social e político que luta pelos direitos das pessoas que fogem do padrão heteronormativo cis e branco.
4. Me sinto bem sabendo que participo de um grupo de pessoas que luta pelos seus direitos, mas sei que na verdade a maioria luta só pelos próprios direitos, ou os direitos dos gays.
5. Complexo. Acredito que cada pessoa tem sua própria identidade e que a identidade da comunidade toda é baseada nisso.
6. A união dos membros, mesmo que seja muito utópico.
7. Como queer, nunca sequer vi uma representação digna na televisão, nem novela, séries, nada. Acho terrível porque demorei muito para me reconhecer como queer e sei que muito disso é porque nunca nem tive alguém para me inspirar que fosse como eu, como um ídolo queer, por exemplo. Muita gente da comunidade sofre por isso: falta de representatividade. A gente se sente sozinho no mundo.